

## A TERRA E O MAR

Colocaremos o coração ao dispor do mar e diremos ao pescador que é naquele lado das vagas que as almas esperam. Acenderemos um fósforo na enseada,

acenaremos à ave coleante que se exhibe nos céus, e invocaremos os ventos, a tempestade, o deus subterrâneo. A mulher virá entoar as melodias da brisa, o olhar perder-se-á na bruma uma vez mais, e o corpo, o corpo extenuado,

repousará na praia à hora em que as traineiras regressarem e o cabo do mar sonhar com a maravilha de não ter, meu deus, hoje que autuar.

Amanhece, os fogos atravessam-se nos rochedos, o sal estala na pele, os búzios adormecem definitivamente,

e o clarão—aquele clarão que os namorados esperam desde o último beijo—acende-se no horizonte. Toda a vila vem acorrer à praia, pede o safio, o congro e a pescada, a pequena alegria para o balde de plástico, o grito lancinante da criança, a paz sobre a mesa, pobrezinha mas limpa, o sonho

vivificador da sardinha miúda cativo na cabeça. Nasce uma estrela, um foguete rebenta no ar verdadeiro, o silêncio queima os últimos cartuchos, e a bandeira escarlate da capitania

recebe os turistas com um sorriso nos lábios. Esta gente aparece aí no pino do Verão, mostra

a anemia dos corpos, e nem ao sol agradece a euforia do povo. A procissão ainda agora vai no adro, Senhor dos Mareantes, um tambor atordoia a vizinhança, o pátio protege velhíssimos cetins, a hóstia consagrada, os anjinhos portugueses que o repórter fotografa nos mais diversos ângulos. Menino Jesus de Praga, protege os homens que partem para a imensidão dos perigos, Senhora da Agonia, cravada de punhais, ajuda-nos nas dores de parto, Santa Cecília, recebe este coração contrito de estearina e esta esmola sensata.

Faz o mistério

com que a fome volte dia após dia, que os homens precisem de meias e atacadores, e os cobradores de impostos

não sonhem, como o cabo do mar. Faz o mistério com que as mãos se contorçam com dores no amanho do peixe, a voz enrouqueça no gotejar dos pregões, e os joelhos se firam no areal desolado. É preciso garantir o futuro a curto prazo, antes que a morte venha, é preciso voltar aos barcos e reiterar a fé, ó naufrago, antes que a madrugada nasça, se é que alguma coisa nasce quando a névoa vem confundir o espírito dos que pairam sobre as águas.

O que fazemos aqui, o que nos enche a boca de formigas, o que faz com que as redes se rasguem e seja necessário remendá-las, insustentadamente? Há as danças, a luz transumante e salgada das raparigas que passam, as velas pandas, o grito predestinado das gaivotas. Há os que partem para o bacalhau e às vezes não voltam, há os que ouvem a sereia cantar e se apaixonam com violência, há os que choram terrivelmente, com os olhos enxutos. Mãe do céu, como seria bom que as câibras nos abandonassem, ou fôssemos como peixes voadores, ou felizes como as baleias, ou tivéssemos só para nós

a doçura de um ancoradouro absolutamente seguro. Dois dedos de conversa na taberna, ó afogados, um copo de três sobre o balcão encardido, alguns amigos fiéis, uma côdea solar, essa magnífica colecção de anzóis, oh, mas sim, colocaremos o coração ao dispor do mar os velhos marinheiros não voltarão a terra enquanto não rendermos a tripulação cansada

e a sedução do mar não nos encher os olhos.

Amadeu Baptista